

## Os Sábios de Chelm – histórias absurdas

Rafael Morais<sup>1</sup>

O espetáculo “Os Sábios de Chelm – histórias absurdas” é uma montagem didática com estudantes dos cursos livres da Companhia Teatro Griô, que integram o nosso programa de Residências Artísticas. Esse programa absorve, através de audições, integrantes dos nossos cursos livres que desejam aprofundar os estudos artísticos e participar de processos criativos e montagens de espetáculos.

A cada ano, realizamos processos criativos de novos espetáculos e mantemos ou remontamos outros do repertório da companhia. “Os Sábios de Chelm – histórias absurdas” surgiu, nesse contexto, como um dos processos criativos que integraram a programação do projeto “Tempo de Histórias”, que traz a cada edição espetáculos selecionados do repertório da companhia, inspirados em narrativas de tradição oral, tecidas em diferentes tempos e lugares, com uma diversidade de apresentações para o público de todas as idades.

Num mesmo ano, realizamos com os integrantes da Residência Artística os processos criativos e a temporada das seguintes montagens: “Tringuilim – no tempo em que os bichos falavam”; “Yalodê – histórias afro-brasileiras”; e “Os Sábios de Chelm”, três espetáculos dirigidos por mim, que diferem nos temas, nos caracteres das narrativas, nas estratégias de encenação e nas atmosferas cênicas.

Para o processo criativo de “Os Sábios de Chelm”, nossa intenção era de estudar e experienciar determinados elementos do Teatro do Absurdo. Partimos então para a leitura de textos teóricos e peças teatrais que desvelavam aspectos que julgamos importantes para trazer uma compreensão panorâmica sobre a estética do absurdo no teatro. Passeamos pelo contexto histórico, estudos dos autores, leituras dramáticas dos espetáculos e identificamos determinados princípios, técnicas e características dessa estética teatral.

---

<sup>1</sup> Rafael Morais é contador de histórias, escritor, professor de teatro, dramaturgo, arte-educador, ator e diretor teatral. Doutorando e mestre em Artes Cênicas, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Especialista em Mitologia Comparada à Psicologia Analítica pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP). Bacharel em Artes Cênicas pela Escola de Teatro da UFBA. Especialista em Teatro de Rua; Técnica de Palhaço e Ofício do Ator pelo Teatro Potlach – Roma, Itália. Fez cursos e especializações na arte do teatro, palhaço, teatro de rua e arte de contar histórias com importantes mestres no Brasil, Inglaterra e Itália. É criador e coordenador artístico da Companhia Teatro Griô, com o qual realiza diversos projetos inspirados no teatro e nas narrativas de tradição oral.

A partir daí, escolhemos realizar um curso prático de técnicas de palhaço para o ofício do ator, fazendo uma relação com o que havia sido abordado nos estudos do Teatro do Absurdo, aberto aos elencos dos outros espetáculos que também estavam simultaneamente em processo de criação. A seguir, passamos à fase de improvisações livres para a criação de cenas inspiradas nas vivências do curso de palhaço e dos estudos realizados, com ênfase na estética do absurdo.

Imbuídos desse mergulho nessas referências, seguimos para a fase de pesquisa de narrativas que tivessem alguma sintonia com o nosso tema. E foram chegando histórias de diversas fontes que traziam em seu bojo elementos em afinidade com a estética do absurdo. Eram narrativas advindas dos folhetos de cordel, fábulas, contos populares, mitos, histórias de diversas origens como chinesas, japonesas, árabes, de tradição sufi, africanas, indianas... enfim, uma mostra bastante heterogênea, que começamos a denominar no contexto de nosso processo criativo de “histórias absurdas”.

Uma dessas histórias nos chamou bastante atenção, pois trazia de uma maneira muito perspicaz vários elementos da estética do absurdo, que eu queria transpor para a encenação. Era uma história de origem judaica, que narrava a aventura de um inusitado rabino que, ao escutar de um viajante sobre as maravilhas da cidade de Varsóvia, com seus cafés, teatros e imponente vida cultural, foi tomado pelo incontornável desejo de conhecê-la. Acontece que o rabino, que vivia na pequena cidade de Chelm, era muito pobre e sequer havia saído algum dia da pacata cidade. Ele decide fazer a viagem a pé e, ao parar para descansar no meio da viagem, justamente no cruzamento de duas estradas, decide tirar um cochilo à sombra de uma árvore à beira do caminho. Mas, sabiamente, tem a ideia de colocar seu par de sapatos com a frente voltada para a estrada que iria dar em Varsóvia, assim não ficaria em dúvidas, ao acordar, de qual caminho deveria continuar seguindo. Porém, um andarilho, que intentava roubar seus sapatos, ao perceber que já estavam muito gastos, os joga na estrada de volta, de qualquer jeito, mudando drasticamente a posição deles e interferindo no destino do rabino, que irá sofrer extraordinárias experiências e vivenciar situações extremamente absurdas.

A história do rabino de Chelm revela, dentre outras possibilidades, algo que considero fundamental para a compreensão de um dos aspectos da estética do absurdo: a situação dramática é absurda. Os personagens sofrem à sua revelia os golpes do destino, do meio em que vivem, diante de um contexto muitas vezes extremo, como, por exemplo, o da terra devastada pela guerra, que é justamente o período que esse tipo de dramaturgia se desenvolve, no período pós Segunda Guerra Mundial, trazendo à cena personagens que tentam seguir adiante em meio a uma atmosfera de desolação, solidão e incomunicabilidade

humana, sem de fato saberem para onde seguir. E essa situação absurda é evidenciada ainda mais pelo viés da comicidade.

Ao aprofundar a pesquisa, descobrimos que a cidade de Chelm realmente existe e que ficou famosa pelos seus lendários sábios que conseguiam resolver os desafios através de saídas verdadeiramente absurdas. Começamos então a buscar por tais histórias e percebemos que eram quase inexistentes em português. Chegamos a pensar na possibilidade de agregar a história do rabino a outras narrativas, como as histórias de tradição sufi relacionadas ao mulá Nasrudim, entre outras. Mas partimos para a busca das narrativas judaicas em outros idiomas e encontramos à venda na Europa e Estados Unidos. Encomendamos coletâneas de contos judaicos escritos em inglês e espanhol e garimpamos muitas histórias desses maravilhosos sábios. Chegamos a um número considerável de narrativas. Fomos selecionando várias histórias e realizando improvisações até chegarmos ao roteiro prévio.

Pouco a pouco, fomos criando as cenas com as imagens, atmosferas e sentimentos das histórias, chegando a um novo texto tecido na cena da oralidade. Aliados aos elementos do teatro do absurdo, das técnicas de palhaço e da arte de contar histórias, criamos um espetáculo livremente inspirado nos lendários contos judaicos da inusitada cidade de Chelm, morada dos maiores sábios de todos os tempos, famosos por resolverem os problemas de toda a gente. Porém, cansados de terem que exercer exaustivamente a função de sábios, decidiram que iriam se fazer de tolos. Mas desempenharam tão bem o seu papel que se esqueceram de ser sábios e passaram a ser cada vez mais tolos.

O inédito espetáculo, com humor sutil e sofisticado, nos convida a olhar o mundo com outros olhos e, a partir de narrativas um tanto absurdas, trazer às nossas vidas mais flexibilidade, fabulação e leveza. Em tempos de grande intolerância, violência, inflamação e dor, “Os Sábios de Chelm” nos ensinam, através da sabedoria de aprender a rir de si mesmo, a sermos mais tolerantes diante do contraditório, das situações conflituosas e das ambiguidades humanas. Os mestres tolos de Chelm nos revelam que rir, além de ser o melhor remédio, pode curar a nossa sisudez, arrogância e verdadeira estupidez de nos acharmos os donos da verdade. E ainda nos instruem que o riso tem muito a nos ensinar, expandir e alargar nossos horizontes.